

O moderno regional? Considerações sobre um patrimônio em extinção.

Marcos Paulo Cereto

Doutorando em Teoria, História e Crítica da Arquitetura no PROPAR/UFRGS.
Professor do Curso de Arquitetura da ULBRA/Manaus e UNIP/Manaus
arqcereto@terra.com.br

O ensaio estuda a obra do Arquiteto Severiano Mário Porto com destaque na produção arquitetônica brasileira no século XX, com enfoque para o período da implantação da Zona Franca de Manaus. Resgata sua obra como ponto de partida para um discurso modernista com raízes locais. Identifica as principais obras e alerta com pesar a demolição de alguns edifícios premiados, evidenciado a necessidade de preservação do patrimônio moderno. Apresenta a necessidade de preservação diferenciada para edificações com condicionamento natural para clima tropical úmido. Gera um ponto de partida para a discussão sobre o patrimônio moderno manauara em extinção.

Arquitetura Moderna – Arquitetura em Manaus – Severiano Porto

The essay studies the workmanship of Architect Severiano Mário Porto with prominence in the production Brazilian architectural in century XX, with approach for the period of the implantation of the Zona Franca of Manaus. It rescues its workmanship as starting point for a modernist speech with local raízes. It identifies the main workmanships and alert with weighing the demolition of some buildings awardees, evidenced the necessity of preservation of the modern patrimony. It presents the necessity of preservation differentiated for constructions with natural conditioning for humid tropical climate. Manauara in extinguishing generates a starting point for the quarrel on the modern patrimony.

Modern Architecture –Architecture in Manaus – Severiano Porto

O momento compreendido da Revolução de 1930 até o fim do milagre econômico, revelou a melhor produção brasileira de Arquitetura. O início das grandes escolas do país na cidade do Rio de Janeiro e posteriormente em São Paulo e Porto Alegre , simbolizaram a

descentralização da escola carioca, criando uma série de características regionais dentro de um modelo internacionalizado. A ambigüidade da arquitetura brasileira mostra a complexidade do tema, com diferentes manifestações em diferentes locais caracterizando a cultura local como parte do movimento moderno brasileiro.

Publicações foram realizadas no Brasil com ênfase na produção regional, mas quando falamos em Arquitetura Moderna em Manaus, existe uma grande dúvida sobre a produção arquitetônica e como aconteceu a influência das escolas carioca e paulista na cidade. Considerando uma cidade onde a primeira faculdade de Arquitetura inicia suas atividades em 1992 proveniente do Rio Grande do Sul, explicita ainda mais essa complexidade. As informações disponíveis na literatura destacam as grandes obras do século XIX do ciclo da borracha como o Porto Flutuante, o Teatro Amazonas, o prédio da Alfândega e o Mercado Municipal, que chegaram desmontados na cidade em barcos que levavam borracha para a Europa. Com a plantação de Seringueiras na Malásia em 1910 pelos ingleses finda-se o ciclo da borracha, mergulhando a economia e cultura local em um hiato arquitetônico que será rompido apenas em 1967 com a implantação da Zona Franca de Manaus. Nesse período, apenas algumas pontualidades podem ser destacadas como a Casa Sabbah de Afonso Eduardo Reidy¹ da década de 50, consulado Suíço dos Irmãos Roberto e o Hotel Amazonas² projeto de Paulo Antunes Ribeiro em 1947.

A localização geográfica de Manaus, inserida junto a floresta amazônica apresenta características diferenciadas das demais capitais brasileiras. Diante deste fato, são necessárias algumas considerações gerais para compreensão de sua realidade.

As etnias presentes quando da chegada dos portugueses eram as tribos *Manaós*, *Tarumãs*, *Munducurus* e *Muras*³. Em 1669 iniciam a construção da fortaleza de São José da Barra do Rio Negro projeto do capitão Francisco da Mota Falcão fixando ali inicialmente o arraial da Barra do Rio Negro, que não passava de um grande acampamento de soldados. A aldeia passa a lugar somente em 1799. Em 1804 a sede da capitania deixa de ser Barcelos e passa a ser Barra do Rio Negro, passando a ser uma vila e em 1827 passa a categoria de cidade.

Distante do centro geográfico e econômico do país, a cidade apresenta uma arquitetura pobre enquanto produção intelectual. Com limites definidos ao sul pelo Rio Negro com os municípios de Careiro da Várzea e Iranduba, e ao norte com o município de Presidente Figueiredo, o acesso à cidade pelo sul do país, só é possível de barco por Belém e Porto Velho (aproximadamente 1700 km – 96 horas de viagem) ou de avião (2 horas). A ligação rodoviária seria feita pela BR-319, mas apresenta diversos problemas na manutenção da

¹ Exemplar referencial para Arquitetura Moderna em Manaus, com risco de demolição.

² Referenciado por Lauro Cavalcanti – Quando o Brasil era Moderno, 1928-1960. – está totalmente desconfigurado.

rodovia, boicote de ambientalistas e pressões da máfia da balsa, uma dificuldade muito grande de acessar Manaus a Porto Velho em pouco mais que 800 km.

Um grande hiato estabelecido do *revival* estilístico do final do século XIX até o final dos anos 60 com a implantação da Zona Franca de Manaus evidencia a diferença da produção arquitetônica em relação aos grandes centros do sudeste e sul do país.

Durante o ciclo da borracha, do final do século XIX até a década de 10 a cultura inglesa e portuguesa agregou novos costumes e influenciou diretamente na produção arquitetônica da cidade. O primeiro grande momento da Arquitetura na cidade deve-se aos ingleses. A cidade teve importância nos objetos arquitetônicos como o Teatro Amazonas, prédio da Alfândega, o porto flutuante, o mercado Adolfo Lisboa⁴. Estes prédios representaram a excelência de uma arquitetura importada no contexto amazônico. Naturalmente o resultado desta arquitetura deve-se aos imigrantes que ao residir em Manaus buscaram retratar através de sua arquitetura um cenário similar ao de sua origem. Esta Arquitetura importada foi de fato artigo de uma cultura tipicamente européia. A importação dos elementos em ferro para posteriormente serem montados em Manaus, denota a total imposição de uma cultura sobre um vilarejo indígena, necessitando inclusive importar todo o material que seria utilizado para a construção. As tradições indígenas eram vistas como selvageria pelos imigrantes europeus⁵. Dessa forma a adoção do ecletismo pela sociedade local significava modernidade.

A grande presença de imigrantes neste cenário equatorial fez com que a identidade da população fosse ofuscada. A miscigenação trouxe uma realidade interessante a Manaus: há uma profunda necessidade da população na identificação com culturas externas, como que a realidade local significasse inferioridade. Por outro lado, o discurso da dualidade do forte regionalismo caboclo em confronto com uma busca de identidade mais próxima dos imigrantes caracteriza a população manauara. Há ainda a diversidade de tribos indígenas que iniciaram o processo de ocupação da cidade. Estes conceitos estão profundamente enraizados na cultura da população local por mais que sejam rejeitadas.

A transição do academicismo para a arquitetura moderna não foi bem administrada na cidade. Os projetos realizados ao longo deste período apresentam pouca qualidade arquitetônica, desconfigurando o centro da cidade, enquanto o processo da urbanização e desenvolvimento urbano foi conseqüência de um crescimento demográfico sem um planejamento adequado. Desta forma quando se conversa sobre Arquitetura Moderna em Ma-

³ Segundo Otoni Mesquita – Manaus, história e Arquitetura.

⁴ Prédios Tombados pelo governo Federal em Manaus.

⁵ Segundo Otoni Mesquita em Manaus, História e Arquitetura.

naus, sempre apresentam este dado com uma afronta ao tradicional ecletismo da cidade. A crítica se dá muito mais a intervenção urbana que propriamente a exemplares de arquitetura, digo exemplares de excelência arquitetônica⁶. Outra grande confusão na cidade deve-se a distinção de arquitetura moderna (fruto do período denominado *International Style* com início nos anos 20) e modernidade (termo utilizado *para definir o tempo atual, recente ou ainda que está na moda*).

O segundo momento econômico da cidade foi a implantação da Zona Franca de Manaus iniciada no final dos anos 60, processando uma migração do interior do estado para a capital, com mão-de-obra não especializada, e das demais regiões do país, com mão-de-obra especializada. A crítica ao processo de industrialização em Manaus não procede, já que o processo de migração para a capital possibilitou o estagnamento do crescimento das cidades do interior do estado, preservando a integridade e a biodiversidade da floresta. A concentração do distrito industrial em Manaus facilitou a preservação da floresta. Dessa forma a adoção de Severiano Porto pela sociedade neste novo momento significava modernidade. E Severiano prestou uma modernidade regional sensível as questões sociais relacionadas anteriormente evidentemente aproveitando a farta mão de obra especializada em madeira, buscando uma valorização do vernacular, mas sem esquecer os princípios modernistas por mais negados por ele, enraizados na sua formação.

A inexistência de escolas de arquitetura até 1992⁷ faz com que a cidade tenha sido executada de forma espontânea e não fruto de debates e pesquisas. O planejamento e o desenho urbano da cidade foram realizados por Engenheiros e muitas vezes por militares de forte influência na implantação da Zona Franca de Manaus, fato que multiplicou a população da cidade por 10 em quarenta anos. A implantação difícil devida aos condicionantes geográficos e climáticos, dos períodos de cheia e seca do rio (com variante de até 20 metros) e da topografia foi muito mal tratada pelos planejadores. As potencialidades paisagísticas diferenciadas da região não foram consideradas no traçado das ruas fazendo com que muito do que havia na cidade na época do ciclo da borracha, tenha desaparecido e a expansão do traçado viário tenha desconsiderado as condições geográficas da cidade. A imensa quantidade de Igarapés (*canal natural, estreito, entre duas ilhas, ou entre uma ilha e continente*), faz com que as grandes vias coletoras da cidade estejam configuradas no esquema de espinha de peixe, fazendo com que os deslocamentos sejam maiores, mas em nenhum momento busca-se a apropriação paisagística dos Igarapés. Atualmente funcionam como grandes coletores de esgoto, enquanto que anteriormente eram as grandes vias de ligação dos

⁶ Segundo o autor em *Arquitetura de Massa: o caso dos estádios brasileiros*.

⁷ Curso de Arquitetura e Urbanismo da ULBRA. Atualmente têm mais três cursos na cidade. Todas as escolas são particulares.

diversos pontos da cidade. Independentemente da classe social, o deslocamento era através de barco pelos Igarapés até chegar ao centro da cidade. A urbanização de Manaus não considerou este fator de grande potencial paisagístico e já enraizado na cultura local. A obra de Severiano Porto mostra uma modernidade avessa ao processo de crescimento de Manaus, mas o crescimento da cidade em paralelo com vida de suas edificações representa uma dificuldade na manutenção dessas. O clima está influenciando suas obras em função do crescimento urbano desordenado.

As transformações urbanas ocasionadas neste período não obtiveram o mesmo êxito dos exemplares arquitetônicos. A cidade de Manaus é um exemplo claro da inadequação de um modelo, num sítio com particularidades diferenciadas das demais cidades brasileiras. Aliado ao equívoco de desenho urbano, o significado e o uso incorreto dos termos apresentaram graves equívocos. Confundir *arquitetura moderna* com *modernidade* estabeleceram erros na compreensão do processo. A arquitetura moderna representou um estágio na evolução gradativa no processo projetual. A interrupção representou o distanciamento das principais correntes e dos pensadores de arquitetura contemporânea. A arquitetura moderna foi tratada em Manaus como uma afronta aos exemplares de arquitetura neo-anglicana, do fim do século XIX. A crise de identidade, iniciou neste processo de importação de estilos europeus interpretada pela população local como produto da cultura manauara.

Severiano Mario Porto, um arquiteto moderno.

A Arquitetura brasileira dos anos 70 e 80 é marcada por dúvidas e incertezas. A crise econômica e a dívida externa contribuíram para o rompimento de uma parceria fundamental para a produção intelectual arquitetônica. Os projetos de excelência resultado da busca de uma imagem do estado moderno realizado em décadas anteriores são cada vez mais rarefeitas, dificultando o discurso arquitetônico de vanguarda.

Manaus passa por um momento diferenciado necessitando de uma imagem de cidade – imagem de Estado em que a Arquitetura teria papel fundamental para o discurso ambiental lógico da região. Dessa forma surgem expoentes no interior do Brasil abrindo espaço para novos discursos reativos ao movimento moderno com um discurso enraizado e romântico despertando em alguns a solução para o novo caminho da arquitetura denominado pós-moderno. Sem dúvida Severiano Mário Porto representa um grande nome na produção arquitetônica do período pós-Brasília, representando também a imagem do Estado do Amazonas na busca de uma identidade através da Arquitetura.

Mineiro de Uberlândia, Severiano Mario Vieira de Magalhães nasce em 19 de fevereiro de 1930, filho de Mário de Magalhães Porto e Maria de Lourdes Vieira Porto e com

cinco anos muda-se para Rio de Janeiro. Gradua-se em 1954 na Escola de Belas Artes da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. Trabalha inicialmente como diretor técnico da Ary C. R. de Britto realizando diversos projetos. Visita Manaus em 1963 em viagem de férias com a família e em 1965 é convidado por um amigo e antigo vizinho, Arthur Reis, então governador do Amazonas, a reformar o palácio Rio Negro⁸ e projetar a Assembléia Legislativa do Estado. Segundo Ruth Zein, (...) *não modelos arquitetônicos a seguir, mas sem dúvida uma proposta, através do exemplo de sua atuação, para um “perfil de arquiteto”.*(...) *“outra modernidade”.*(ZEIN, 1986).

Desses projetos parte para um protótipo de escola em madeira pré-fabricada apresentando sua disposição miesiana.: *“na época, acharam que madeira era obra de pobre, o governo queria uma imagem de permanência”* (PORTO,1986). De fato permanece até hoje devido as habitações ribeirinhas em palafitas a imagem de inferioridade da madeira, do ponto de vista social. Segundo Elisabete Campos (...) *Este generoso desprendimento de se posicionar frente ao mundo propiciou justamente ao arquiteto, etnógrafo nato, a entender através do olhar arguto os elementos que, pouco a pouco, descortinavam uma região mostrando-se fundamentais para a construção de uma outra paisagem. “Foi observando o pessoal nativo – os seringueiros, para mim, gigantes que cruzam a floresta amazônica a pé e passam meses embrenhados na mata, levando uma bagagem mínima, enfrentando toda sorte de problemas até grandes onças que a gente pode encontrar mesmo perto de Manaus – que aprendi sobre o fazer regional”* (CAMPOS, 2003).

Em 1965 transfere-se definitivamente para Manaus, mantendo o amigo Mario Ribeiro com o escritório no Rio de Janeiro. É importante frisar o momento que Severiano vai para Manaus. A cidade passa por uma efervescência devido a criação da SUFRAMA (Superintendência da Zona Franca de Manaus) e a criação da zona de isenção de impostos. Em dez anos a população triplica e o perímetro urbano duplica. O Distrito Industrial emprega aproximadamente 120.000 funcionários representando um em cada quatro habitantes. Os produtos importados transitam pela cidade atraindo os mais diversos comerciantes de todos os cantos do país. O progresso necessita de um discurso intelectual e nesse momento aparece Severiano Porto como o arquiteto da Amazônia. Ao contrário do restante do Brasil, Manaus mergulha em um crescimento econômico necessitando de uma série de obras públicas, estabelecendo a parceria redentora para Severiano Porto, assim como acontecera anteriormente com Lucio e Oscar. Segundo Hugo Segawa.(...) *o trabalho de Severiano Porto e Mário Emilio Ribeiro, arquitetos engajados na região amazônica brasileira desde os anos de*

⁸ Palacete Scholz era residência da família do comerciante alemão Karl Waldemar Scholz, ,construído no final do século XIX e é adquirido como palácio do Governo, em 1918. Tombado pelo IPHAN, em 1980.

1960, emergiram como supostos 'pós-modernos', com seus projetos em madeira (...), inserção ecológica com materiais industrializados (...), e obras executadas com uma economia de meios (...) que rompiam com o modelo vigente dos grandes centros 'produtores' da cultura arquitetônica brasileira. Na realidade, deve-se reconhecer a obra de Porto e Ribeiro na linha de frente da arquitetura brasileira recente como resultado de uma persistente experimentação arquitetônica ao longo de mais de vinte anos de vigência regional [Zein 198a]. A atitude de Porto e Ribeiro confunde-se com alguns posicionamentos genericamente pós-modernos, mas eles são, ante o contexto de seus trabalhos e trajetória de coerência profissional, genuínos arquitetos modernos - que certa sensibilidade pós-moderna soube reconhecer e valorizar (...).(SEGAWA, 1997)

O relacionamento público faz com que assuma a representação em entidades de classe. Inicialmente torna-se delegado regional do Amazonas do IAB no período de 1972 a 1976, conselheiro do CREA-AM/RR de 1976 a 1979, presidente do IAB –AM no período de 1977 a 1980 e posteriormente conselheiro federal – CONFEA de 1980 a 1983. Recebe menção honrosa do IAB na categoria de edifícios para fins esportivos e recreativos em 1976 pelo estádio Vivaldo Lima. Em 1967, recebe o prêmio na categoria edifício para fins recreativos com o restaurante chapéu de palha. Em 1971 ganha na categoria Habitação Unifamiliar com a residência do arquiteto. Recebe o prêmio na categoria edifício para fins de abastecimento em 1972 com os Reservatórios Elevados da COSAMA. Em 1974 ganha o primeiro prêmio na categoria edifício para fins institucionais e administrativos o edifício-sede da SUFRAMA. Em 1978 recebe o prêmio na categoria habitação unifamiliar com a residência de Robert Schuster em Manaus e menção honrosa com a Residência João Luiz Osório em Cabo Frio no Rio de Janeiro. Em 1982 recebe o prêmio na categoria Arquitetura – obra construída pela pousada em Silves. Em 1985 é homenageado com o prêmio Universidad de Buenos Aires na Bienal de Buenos Aires. Segundo Marina Waiseman *“Sua exposição se referiu uma outra vez, sem grandes preâmbulos teóricos, as suas intenções – tão bem realizadas, além disso – de utilizar em cada lugar os materiais, as técnicas e a mão de obra existente, sem se ater cegamente às tradições, mas, ao contrário, utilizando todos os recursos possíveis que os conhecimentos técnicos contemporâneos dispõe para melhorar soluções ou para inventar novas. (...) A formula de Porto para uma arquitetura “do tempo e do lugar” como diria Browne, parte, pois, da tecnologia. Mas uma tecnologia imaginativa”*(WAISEMAN, 1985)

Recebe o prêmio de personalidade do ano em 1986 pelo IAB/RJ e menção honrosa pelo projeto do Centro de proteção de Balbina e também pelo projeto do campus da Universidade do Amazonas em 1987. O relato de premiações demonstra a importância do arquiteto no cenário nacional, transformando o arquiteto em um ícone da década de 70 e 80. “Os

trabalhos apresentados pelos arquitetos destacam-se não só seus evidentes valores arquitetônicos excepcionais, mas, pelo que representam em termos de pesquisa, seja por abrirem horizontes para o desenvolvimento de tecnologias novas, com grande interesse nacional, seja pela busca de uma melhor e mais profunda integração da arquitetura com a natureza equatorial da Amazônia. Sem abrir mão dos avançados recursos materiais e técnicos contemporâneos, os arquitetos não vacilam em aproveitar as tradições culturais indígenas no trato da madeira e das estruturas espaciais. O Campus da Universidade de Manaus e no Centro de Proteção Ambiental de Balbina constroem “espaços que respiram” com uma linguagem plena de modernidade, sem concessões ao exótico e ao pitoresco “(Parecer do Júri da XXV Premiação Anual do IAB-RJ).

O patrimônio em extinção

A necessidade de levantar essas informações e questionar algumas considerações quase românticas sobre a obra de Severiano Porto motiva uma outra abordagem através da vivência e convívio com a cidade de Manaus e a região amazônica com todas suas particularidades. Segundo o próprio arquiteto *“(...) A chegada a Manaus gerou um aprendizado de trabalho, que nos provocou uma euforia muito grande. A manipulação do material regional pelo homem local nos concedeu as bases para o desenvolvimento de uma arquitetura regional. Numa perfeição de trabalho artesanal, o homem entra na floresta, escolhe a árvore e a abate, prepara-a para o uso, utilizando ferramentas muito simples. O fabricante de cascos para barcos, por exemplo, trabalha com uma linha, sem projeto e o resultado final é perfeito. Isto tudo foi nos ambientando, como também a beleza da natureza, a variação do rio que promove a integração do homem/rio, da casa/barco em função da adaptação aos vários níveis. A beleza das casas, construídas por carpinteiros navais, com uma variedade muito grande de soluções, mantendo sempre princípios de soluções estéticas ligadas a funcionalidade, como a construção de varandas, com detalhes que vão variando e no caso específico da construção em madeira, o homem exerce o domínio absoluto do processo construtivo. Se o rio sobe, constrói um assoalho mais alto, quando desce desfaz o assoalho, adaptando-se ao movimento do rio. (...)”* (PORTO, 1989). Essa citação apresenta uma característica que nos deixa perplexos com algumas obras do arquiteto, com o *deixar acontecer* o edifício com andamento da obra. A intervenção da obra sobre o projeto. O domínio de todos os processos do projeto preconizado pelo movimento moderno não é rígido para Severiano. O resultado disso são as magníficas coberturas do Centro de Proteção Ambiental de Balbina, exemplo do diálogo aberto entre projeto e obra, entre arquiteto e mestre de obras, numa divisão do controle do resultado formal. Difícil de aceitar para os princípios modernos, mas um importante aprendizado para projetar na região.

A necessidade de conscientização da população para a valorização do patrimônio edificado moderno é fundamental para a manutenção dos exemplares arquitetônicos em Manaus. Quando cheguei a cidade, em 2001 tinha informações pela literatura existente da magnificência das obras do grande arquiteto da Amazônia e houve uma grande frustração ao constatar que o prestígio que um gaúcho tinha pela obra de Severiano Porto, não era comum na cidade de Manaus.

O famoso restaurante Chapéu de Palha, premiado em 1967 pelo IAB já havia sido demolido para a construção de um Posto de gasolina. A residência do Arquiteto, premiada em 1971 foi demolida em 2004, para dar lugar a mais um pomposo edifício residencial. A pousada de Silves foi reformada e alterada sua cobertura, colocando estrutura metálica alterando a proposta original. O Centro de Proteção Ambiental de Balbina, premiado em 1986, está com graves problemas de manutenção da estrutura, prejudicando o funcionamento e também já há um projeto para alteração de sua cobertura em cavaco para estrutura metálica. Da mesma forma a Aldeia SOS está com planos de alterar a estrutura de palha da cobertura para fibrocimento.

Paralelo a isso, Severiano Porto novamente homenageado pela FIEAM (Federação das Indústrias do Estado do Amazonas) recentemente em maio de 2005, mas seu patrimônio vai pouco a pouco sumindo ou se desconfigurando na paisagem de Manaus. O reflexo disso se dá a crescimento desordenado de Manaus, onde o desmatamento de áreas verdes atrapalhou os projetos de Severiano para a não utilização de resfriamento artificial dos espaços, tornando hoje seus edifícios desconfortáveis. O Campus da Universidade do Amazonas, projetado pelo arquiteto foi instalado ar condicionado, em função do não cumprimento das normas estabelecidas no projeto de arborização para sombreamento das edificações. Com a instalação do sistema de refrigeração, teve que ser vedada todo o sistema de ventilação projetado para os edifícios, comprovando também o descaso com os edifícios ainda existentes.

Conforme relato do próprio Arquiteto, a casa da Avenida Recife não deveria mais existir, um vez que a Avenida Recife não era mais a mesma e a casa não funcionava mais com o novo entorno. O relato mostra a fragilidade de sistemas de refrigeração natural com condicionantes urbanas, já que o crescimento da cidade desconsidera as condicionantes ambientais do local. A independência de sistemas artificiais de refrigeração compromete a existência de todas as obras de Severiano, já que foram projetadas para a margem do perímetro urbano e atualmente estão no centro geográfico da cidade.

O IAB/AM em uma posição defensiva aceita o desmanche da casa, mas cadastra todas as peças para que seja montada como futura sede em um terreno a ser doado pela Prefeitura. A casa continua desmontada em um galpão esperando o terreno da prefeitura ou quem sabe a espera de um incêndio ou do ataque dos cupins. E quem sabe a arquitetura de Severiano Porto possa ser considerada como uma arquitetura de catálogo como o *revival* estilístico ou mais recentemente do mercado imobiliário para ser implantada em qualquer terreno, qualquer local. Será que estaremos preservando a casa do Arquiteto da Avenida Recife na Avenida Brasil? Ou quem sabe podemos levá-la para Inglaterra desmontada em barcos, fazendo uma referência aos áureos tempos da borracha...

Referências bibliográficas

ANTONACCIO, Gaitano Laertes Pereira. **Entidades e Monumentos do Amazonas, Fundação – História – Importância**. Manaus: Imprensa Oficial, 1997.

AUBRETON, Thérèse (pesq.). **Caminhando por Manaus: Cinco Roteiros Históricos da Cidade**. Fundação Municipal de Turismo. Manaus, 1996.

BRAGA, Robério dos Santos. **Guia do Centro Cultural Palácio Rio Negro**. Manaus: Governo do Amazonas, 2000.

BRAGA, Robério dos Santos. **Palácio Rio Negro. Comissão Permanente de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Amazonas**. Série Patrimônio 2. Edição Comemorativa da Restauração do Palácio Rio Negro. Manaus, 1982.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva. 3a.edição. 398p.

CAMPOS, Elizabete Rodrigues de. **A arquitetura brasileira de Severiano Mario Porto**, Texto Especial Arqtextos 209, dez. 2003 disponível em www.vitruvius.com.br/arqtextos/arg000/esp209.asp. Acesso em: 12 out. 2004.

CAVALCANTI, Lauro. **Quando o Brasil era moderno: guia de Arquitetura 1928-1960**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. 468p.

CERETO, Marcos Paulo. **Arquitetura de Massas: o caso dos estádios brasileiros**. Porto Alegre: PROPARG/UFRGS, 2003. 326p.

CERETO, Marcos Paulo. **Arquitetura Moderna em Manaus**. Manaus: CEULM/ULBRA, 2002. Relatório de Pesquisa.

CERETO, Marcos Paulo. **Entrevista com o Severiano Porto**. Rio de Janeiro, 12 mai. 2002.

- CERETO, Marcos Paulo. **Estádios brasileiros de futebol: uma reflexão modernista?** IN: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 5, 2003, São Carlos. *Anais*. São Paulo: Edusp, 2003.
- CERETO, Marcos Paulo. **Um pólo voltado para o turismo: Distrito Industrial de Manaus:** IN: SEMINÁRIO DE ARQUITETURA E URBANISMO VOLTADO PARA O TURISMO, 2003, Vitória. *Anais*. Vitória: IAB/ES, 2003.
- COMAS, Carlos Eduardo. **Protótipo e monumento, um ministério, o ministério.** Revista Projeto n 102, 1986.
- COSTA, Lúcio. **Registro de uma vivência.** São Paulo: Empresa de Artes, 1995. 616p.
- Estádio Vivaldo Lima.** Revista Arquitetura IAB. Rio de Janeiro, n.58,p.55-57, abr.1967.
- FRAMPTON, K.- **Modern Architecture: a Critical History.** Thames and Hudson, London, 1980.
- GOMES, Ângela de Castro. **Capanema: o ministro e seu ministério.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000. 276p.
- IPHAN. Amazonas: **Programa de Preservação de Bens Culturais – Palácio Rio Negro.** Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Fundação Nacional Pró-Memória. Manaus, 1980.
- LIMA, Magali Alonso de. **Formas arquiteturais no Estado Novo (1937-1945) – suas arquiteturas na plástica de corpos e espíritos.** Rio de Janeiro: Funarte, 1979. 124p.
- MAHFUZ, Edson da Cunha. **Ensaio sobre a razão compositiva.** Belo Horizonte: AP Cultural, 1995.
- MESQUITA, Otoni Moreira. **Manaus: História e Arquitetura (1852-1910).** 2.ed. Manaus: Valer, 1999.
- MONTANER, Josep Maria. **Arquitectura e crítica.** Barcelona: Editora Gustavo Gili, 1999. 109p.
- MONKEN, Luis César, Apud. MONAN, Maira. **Destaques de Arquitetura.** In *Revista ADEMI*, ano X, n. 101, abr. 1983, p. 14
- MINDLIN, Henrique. **Arquitetura Moderna no Brasil.** Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 1999.
- PORTO, Severiano Mário. **A longa trajetória, da efervescência cultural do Rio a Manaus.** In *Revista Projeto* 83, São Paulo: Projeto Editores Associados, janeiro de 1986, p. 46.
- PORTO, Severiano Mário Vieira de Magalhães. **Arquitetura e regionalismo.** In: Encontro Regional de Tropicologia, 2, 1985, Recife. *Anais...* Recife: Massangana, 1989. p. 43-54. Disponível no endereço http://www.tropicologia.org.br/conferencia/1985arquitetura_regionalismo.html Acesso em: 09 out. 2003.
- SABBAG, Haifa. **Severiano Porto e a arquitetura regional,** Editoria AC – Arquitetura.Crítica, n. 12, set. 2003 <<http://www.vitruvius.com.br/ac/ac012/ac012.asp>>; Acesso em: 09 out. 2003.
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990.** São Paulo: Edusp, 1999. 224p.
- XAVIER, Alberto (org). **Arquitetura moderna brasileira : depoimento de uma geração.** Editora Pini, São Paulo, 1987.
- XAVIER, Alberto. **Arquitetura moderna paulistana.** Editora Pini, São Paulo, 1983.
- WAISEMAN, Marina. **Primer Seminário de Arquitectura Latinoamericana. Um auspicioso comenzo.**In. *Summa*, n. 217, set. 1985, p. 27. Tradução da autora deste artigo.
- ZEIN, Ruth Verde. **Um arquiteto brasileiro: Severiano Mario Porto.** In *Projeto*, n. 83, São Paulo: Projeto Editores Associados, janeiro de 1986, p. 44.

ZEIN, Ruth Verde. **Título de Professor Honoris Causa para Severiano Porto**, Texto Especial Arquitectos 210, dez. 2003 <www.vitruvius.com.br/arquitextos/arg000/esp210.asp>. Acesso em: 19 fev. 2003.